



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: A Tribuna Piracicabana

Data: 21/02/2016

Caderno/Link: A6

Assunto: "Plantei uma coleção de tâmaras na ESALQ"

"Plantei uma coleção de tâmaras na Esalq"

Na segunda parte da entrevista a João Nassif, o aposentado Antônio Gorga relembra fatos e pessoas da Esalq

Antônio Gorga nasceu a 4 de agosto de 1928, em Piracicaba, no Bairro Alto, próximo onde atualmente é o Corpo de Bombeiros, na avenida Independência. Ali era uma região formada por chácaras: das famílias Gorga, Carrara, Picinatto, e outras, elas tomavam parte do leito carroçável da Independência, que não era senão um pequeno "carreador". Seu avô trabalhou na Esalq. Seu pai trabalhou e morou na Esalq por 35 anos. Aos nove anos de idade Antônio Gorga mudou-se com seus pais para uma casa pertencente a uma universidade. Aos dezesseis anos foi um dos garotos que ajudou na construção do aviário da Esalq. Antônio Gorga trabalhou lá de 1943 até

apresentar-se em 1985. Foi encarregado da Horticultura, que além de cuidar das verduras e legumes, cultivavam flores das mais variadas espécies. Foi responsável por 73 funcionários. Um dos seus passatempos prediletos era acompanhar o reconhecido cientista professor Doutor Friedrich Gustav Brieger, ambos aos finais de semana internavam-se nas matas da região em busca de novas espécies de orquídeas, formando um dos mais ricos acervos de orquídeas brasileiras. Antônio Gorga sempre foi um homem de campo. Como auxiliar de laboratório em seu trabalho praticamente anônimo teve participação fundamental nas experimentações que geraram grandes teses de renomados nomes da Esalq. Fez muitas amizades, com nomes de expressão no cenário nacional. Conserva muitos amigos, entre eles o professor doutor Jairo Ribeiro de Mattos, um apaixonado pela Esalq e pelo Lar dos Velhinhos de Piracicaba, local que conheceu mais proximamente quando ainda era estudante da Esalq e foi responsável pelo plantio de inúmeras mudas de árvores. Antônio Gorga manifesta sua tristeza em ver o pomar que formou e aos poucos foi sendo substituído por outras culturas, por construções de prédios.

O senhor praticou algum esporte?

Joguei futebol em um dos principais clubes do futebol amador que foi o São João da Montanha. Esse time tem a origem do seu nome na Fazenda São João da Montanha, de propriedade de Luiz Vicente de Souza Queiroz e doada ao Estado para a construção de uma escola agrícola. Eu jogava como beque esquerdo, o pessoal reclamava um pouco porque eu jogava meio pesado. Joguei todo o campeonato, fiquei tri-campeão na cidade. Um dos nossos adversários mais ferrenhos era o River Plate, da Vila Rezende.

O senhor conheceu

Jairo Ribeiro de Mattos em que época?

“**Tinha três homens o dia inteiro trabalhando só na máquina para exterminar a saúva**”

Eu o conheci quando ele ainda trabalhava na Casa da Lavoura. Depois que ele ingressou na Esalq.

A Esalq cresceu muito?

A escola cresceu, mas a meu ver o piracicabano não a valoriza como foi no passado. Era muito frequentada pela cidade todos os dias. Andavam, passeavam adquiriam verduras, tinha um ponto de venda de frutas, verduras, flores. Tínhamos muda de todo tipo de planta que se possa imaginar, principalmente as pitufiferas. Da estrada do Monte Alegre para lá, aquilo era tudo viveiro de mudas. Vendíamos barato. Eu tinha o preço da concorrência, como as mudas de Limeira, por exemplo, vivíamos pela metade do preço. A cada 15 dias ia até o Mercado Municipal de Piracicaba, fazia um levantamento de preços e vendia cinquenta por cento mais barato. Com esses recursos fazia uma caixa para as necessidades básicas da seção. O dinheiro da renda do mês eu repunha para a reitoria, a reitoria devolvia à diretoria da escola, Setenta por cento do valor vinha para o nosso departamento, trinta por cento ficava com a finalidade de ajudar nas despesas da diretoria.

E defensivo agrícola já era utilizado?

Usava-se muito pouco. Não tinha dinheiro para adquirir também, naquele tempo as coisas eram difíceis. O mais utilizado na época era o BHC, um inseticida cuja sigla advém do nome inglês - Benzene Hexachloride - é um produto que combate pragas na lavoura Seu uso foi banido.

E a frase a frase "Ou o Brasil acaba com a Saúva ou a Saúva acaba com o Brasil"?

Eu tinha três homens o dia inteiro trabalhando só na máquina para exterminar a saúva. A máquina era composta por uma ventoinha, dentro de uma caixa de ferro fundido, enchia de carvão, colocava fogo, colocava a saída de uma mangueira na entrada do "olheiro" do formigueiro. Abria a tampa daquela fornalha colocava duas colheres de arsênico.

O arsênico descia junto ao carvão em brasa e saía junto com a fumaça. Essa fumaça entrava pelo canal, ficavam dois homens, andando com a enxada na mão e fechando os "olheiros" onde saía a fumaça. Matava aquele, mas vinha outro, vinha muito do Monte Alegre, da usina de cana-de-açúcar. Ninguém ia matar saúva em cana. Em novembro os iças saíam voando, caía no meio do pomar, caíam por todos os lados. Tinha dois homens que no tempo de iça pegavam a enxada e iam para o pomar passear. Quando o iça cai, afunda e forma uma panelinha para ela. As saúvinhas já comem a sair. Nesse caso não precisa de veneno, com a enxada cavocava e misturava tudo. Mata com a enxada. Isso um mês depois que o iça caiu e já formou um formigueirinho. Quando está em um local cheio de capim, não se enxerga com facilidade essa panelinha.

E cobra, tinham muitas?

Cobra sempre teve. Nunca tivemos funcionários picados de cobra. Tinha jararaca, jararquinha e jaracuçu. A jararaca tem uma característica, você pensa que ela foi embora e ela volta, é dissimulada. Cobra não ataca as pessoas. Nós é que as atacamos. Se você não bater nela, não faz nada. Ela vai embora, foge da gente.



Antônio Gorga trabalhou de 1943 a 1985 na Esalq, onde se aposentou

Cobra sempre teve. Nunca tivemos funcionários picados de cobra. Tinha jararaca, jararquinha e jaracuçu. A jararaca tem uma característica, você pensa que ela foi embora e ela volta, é dissimulada. Cobra não ataca as pessoas. Nós é que as atacamos. Se você não bater nela, não faz nada. Ela vai embora, foge da gente.

O senhor conheceu o Engenho Central?

Muito! Carregava bagacinho de cana para usar na composição de estercos para a Horticultura. Eu mandava o caminhão com dois homens, até a hora do almoço lotava o caminhão de bagaço de cana de açúcar. Na zootecnia eu mandava uma carroça por dia, eu aproveitava o estercos dos bezerros. Todo dia um funcionário meu colocava uma carroça na esterqueira para curtir. Não tinha dinheiro para comprar adubo. Plantava milho para alimentar 36 burros. Eram burros chucros, que vinham de Minas Gerais, tinha dois funcionários meus, dois irmãos: Sílvio Pavão e Virgílio Pavão, que os domavam. Três burros eu tirava para puxar charrete. Um era para uso da esposa do Phillipe em sua charrete, esse era o único que usava ferradura. Os demais não precisavam porque só andavam na terra.

O Rio Piracicaba passa pela Esalq?

Passa entre a Fazenda Areão e o bairro Santa Rosa. O Piracicabimir passa no meio da Esalq. Tem um salto no meio do mato, é uma beleza. Tinha a colônia da Zootecnia, a colônia da Fazenda Modelo, a colônia da Horticultura, a colônia do prédio principal e a colônia do Pombal. Todas cheias, hoje estão todas fechadas. Hoje estão todas fechadas.

O senhor mantém contato com o pessoal daquela época?

Infelizmente com poucos, uma boa parte já faleceu. Dos funcionários de setenta e poucos sei de apenas dois que estão vivos.

Atualmente temos frutas com aspectos muito bonitos, mas não são tão saborosas como eram antigamente. Por que?

Quando trabalhava na Horticultura da Esalq cheguei a usar uma variedade de caqui que permitia transformá-lo em passa, plantei uma verdadeira coleção de tâmaras na Esalq. Colhia a tâmara, colocava em um quarto, passava enxofre pra não dar fungo, deixava amadurecer, todos os dias tinha que ir lá colher. Hoje são frutas sem sabor, não tem açúcar suficiente, são produtos híbridos. Antigamente tinha a laranja Serra D'Água, era enfeitada, é uma laranja antiga, ninguém ligava para ela, Agora deram esse nome á um tipo de laranja baiana. Hoje o mamão é uma fruta que está bem cultivada. Infelizmente a pulverização aérea da cana-de-açúcar destrói tudo. E depois que me aposentei, no meu sítio tive leiteria, parei. Passei a trabalhar com carneiro, cheguei a ter 300 cabeças parei também.

Sou muito amigo do Marinho, da Agropecuária Marinho. Trabalhamos na Esalq na mesma época. Conheci muito o doutor Walter Accorsi. Assim como era utilizado fórceps para fazer um parto humano com dificuldades, o Spalini usava trator para auxiliar as vacas a parirem. Isso é muito antigo. Urgel de Lima formou-se e tornou-se professor da Esalq, onde se aposentou.

“**Sou muito amigo do Marinho, da Agropecuária Marinho. Trabalhamos na Esalq na mesma época**”

Hoje é comum termos estudantes de agronomia do sexo masculino e feminino, antigamente era assim também?

Éra comum ter no máximo uma ou duas moças que estudavam agronomia. Ultimamente aumentou muito o número de mulheres que fazem o curso. Hoje a Esalq está mais voltada à pesquisa.

Como surgiu a intenção de construir uma usina de açúcar dentro da Esalq?

Surgiu com a iniciativa do professor doutor Jaime da Rocha de Almeida, diretor da Esalq. Naquela época as usinas de açúcar estavam no auge, com uma usina funcionando dentro da escola o aluno tinha a facilidade de aprender tudo ali dentro, já para sair, trabalhar ou montar uma usina. Ao que contam a verba para concluir o prédio da usina infelizmente não foi deliberada. E caso estivesse entrado em atividade atualmente não teria mais condições



